

# O CELAM e a organização da missão na América Latina

*de Estêvão Raschiatti, sx.*

Quando se fala de missão na América Latina é preciso sempre especificar do que se trata. Há aqui certa incompreensão geral, ou até certa aversão, pela missão *ad gentes*, pela sua herança colonial de um lado, e pelo muitos desafios internos que o continente apresenta em termos de atuação e de organização eclesial, assim como em termos de pobreza, justiça, paz e transformação social. Apesar de Puebla (1979) alegar que a evangelização nos últimos cinco séculos deu origem a um “radical substrato católico” (DP 1) – hoje já bastante encoberto por outras propostas cristãs, para-cristãs e pós-cristãs – a conferência de Santo Domingo (1992) foi obrigada a afirmar que a maioria dos batizados na América Latina nunca deram sua adesão pessoal a Jesus Cristo (DSD 33b).

Por sua vez, a recepção criativa e original do Vaticano II inaugurada por Medellín (1968), levou as igrejas latino-americanas a repensarem a missão em termos atualizados, abrangentes e contextualizadas, com o protagonismo primário das igrejas locais e não das organizações missionárias, tendo como interlocutores privilegiados os pobres e o povo de Deus na sua totalidade, ainda carente de uma efetiva evangelização e sob a égide da “violência institucionalizada” de um sistema capitalista neocolonial.

Numa situação que via a América Latina ainda na sua quase totalidade em estado de missão, onde as fronteiras entre um território de missão e o de uma igreja estabelecida eram bastante tênues, uma organização missionária havia de ser pensada tendencialmente *ad intra* mais que *ad extra*, com poucos morosos passos em direção aos outros continentes, até em direção às situações tipicamente *ad gentes* – povos culturalmente não-cristãos – dentro do próprio continente.

Trataremos, portanto, da caminhada missionária no seu conjunto, com um olhar especial, porém, voltado à dimensão universal *ad gentes*, impulsionada pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) através de seus departamentos.

Tarefa do Celam desde seu nascimento (1955), foi a animação pastoral da Igreja na América Latina, oferecendo serviços de contato, comunhão, formação, pesquisa e

reflexão. Seus interlocutores foram principalmente as 22 Conferências Episcopais localizadas do México até Cabo de Hornos, Caribe e Antilhas.

Sendo um organismo colegial de encontro, debate, intercâmbio, articulação das diversas igrejas locais do continente, as etapas de sua história foram marcadas em torno da realização das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, com suas fases de preparação com seminários, encontros, congressos, e suas fases de recepção e de animação sobre as prioridades e a linhas operativas.

a) *Rio de Janeiro (1995)*. A primeira Conferência Geral aconteceu na “cidade maravilhosa”, no ensejo das celebrações do 26º Congresso Eucarístico Internacional, convocada por Pio XII para que os bispos pudessem debater e encontrar caminhos de solução para a crônica insuficiência de clero e a organização do apostolado. Junto à questão religiosa, os prelados abordaram também, desde o começo, as condições de extrema pobreza e de injustiça em que versava a grande maioria da população.

A questão das missões ganhou no documento final um destaque especial que traçava diretrizes fundamentais para a caminhada do Celam: o cuidado pastoral com os povos indígenas e afro-americanos (“gente de color”) e seus direitos, e a instituição de um organismo de caráter etnológico e indigenista que pudesse desenvolver um trabalho sério e bem organizado.

Esse organismo foi criado quase dez anos depois em 1966, no imediato pós-concílio, pela iniciativa destemida de seu principal mentor Dom Gerardo Valencia Cano (1917-1972), Vigário Apostólico de Buenaventura, Colômbia. O Departamento de Missões do Celam (DMC) teve um papel fundamental para a animação e a organização missionária na América Latina.

b) *Medellín*. Uma das primeiras e significativas iniciativas que o DMC proporcionou, foi a realização do Encontro de Melgar, Colômbia (1968), que teve como tema “A pastoral nas missões da América Latina”. Este encontro foi um marco na caminhada missionária do continente: estiveram reunidos 18 bispos, o Secretário Geral de *Propaganda Fide*, 30 missionários e 17 especialistas em áreas específicas. Foram apresentados os resultados de uma pesquisa em nível continental, envolvendo 500 missionários, foram debatidas diversas problemáticas mais urgentes e procurou-se refletir e oferecer respostas à luz das orientações do Vaticano II.

Melgar pleiteou a necessidade da superação da abordagem meramente jurídico-institucional da missão – “territórios de missão” – mediante o recurso da categoria de “situações missionárias”; questionou o modelo de igreja colonial monocultural que não reconhecia a pluralidade cultural no continente; resgatou o reconhecimento dos valores das diferentes expressões religiosas presentes na América Latina e assumiu decididamente o compromisso por uma promoção humana integral.<sup>1</sup>

Estranhamente, o Documento de Melgar não foi apresentado em Medellín, e também a questão missionária teve muito pouco destaque no documento final da II Conferência. As preocupações eram mais voltadas para o tema do subdesenvolvimento à esteira das perspectivas lançadas pela *Populorum Progressio* (1967). Com efeito, a questão missionária sofria com a desconfiança colonial e a marginalização das respectivas igrejas nacionais, por estar vinculada a realidades eclesiais sob a jurisdição de *Propaganda Fide*, à tutela de agências e pessoal estrangeiro, desconexas das problemáticas que ferviam no conjunto das sociedades latino-americanas nos anos ‘60.

Contudo, Medellín, evento gerador de toda uma tradição eclesial latino-americana, lançará as bases para uma reflexão posterior, ao situar o Vaticano II na fronteira colonial da América Latina, onde se encontravam os crucificados da história, as vítimas sistêmicas do capitalismo global. Aqui a Igreja era chamada a tornar-se pobre com os pobres num deslocamento essencial que apontava para uma libertação e uma transformação social rumo a um mundo mais justo e solidário.

c) *Puebla*. Faltou a Medellín um mais amplo reconhecimento das diversas culturas no continente e um desejo de integração, de cooperação e de solidariedade com outras igrejas igualmente pobres.

Esses passos foram dados pelo DMC na década sucessiva em preparação à III Conferência Geral. Em primeiro lugar, houve uma evolução significativa de reflexão e articulação sobre a realidade indígena, com os encontros de Caracas (1969) e Iquitos (1971), esse último já sob a presidência de Dom Samuel Ruiz, bispos de Chiapas (México) que sucedeu a Dom Gerardo Valencia.

Algumas semanas antes desse encontro foi emanada a famosa Declaração de Barbados, um simpósio promovido pelo Programa de Combate ao Racismo do Conselho

---

<sup>1</sup> Cf. BOTTASSO, Juan (org.). *Iglesia, pueblos y culturas*. Documentos latinoamericanos del postconcilio. 2. ed. Quito: Abya Yala, 1986. p. 31

Mundial de Igrejas, através do qual os signatários convidavam a uma moratória da atividade missionária para o bem dos povos indígenas e para preservar a integridade moral das próprias igrejas.<sup>2</sup> Isso obrigou missionários católicos e evangélicos, reunidos em uma consulta em Assunción, Paraguai (1972), a uma ulterior reflexão sobre a validade do mandato missionário e, ao mesmo tempo, sobre a necessidade de “abandonar toda ideologia ou prática conivente com qualquer tipo de opressão”, entrando “num franco diálogo a respeito das situações culturais dos indígenas”.<sup>3</sup>

Após a controversa assembleia do Celam em Sucre, Bolívia (1972), onde começou de maneira furtiva uma revisão das orientações de Medellín, Dom Samuel Ruiz passava o bastão do comando do DMC a Dom Roger Aubry, bispo de Reyes (Bolívia), redentorista suíço, com o Pe. Juan Gorski, missionário americano de Maryknoll, como secretário. Os dois trabalharam afincado para dar uma fisionomia à questão missionária, em continuidade com a administração anterior, mas com uma ênfase mais decidida sobre a questão missionária *ad gentes*.

Nessa época o DMC coordenou uma ampla pesquisa em vista da elaboração de um “Panorama missionário da América Latina”. Pretensão deste labor foi oferecer um quadro geral e orgânico das diferentes situações missionárias, distinguindo âmbitos, tarefas, compromissos e interlocutores, e chamando à atenção das igrejas locais sobre suas responsabilidades dentro e fora do Continente.<sup>4</sup>

Esse Panorama encontrou acolhida no Documento de Puebla no segundo capítulo da segunda parte: “Evangelificação: dimensão universal e critérios”. Aqui o texto começava cruzando dois eixos para tentar conciliar as diferentes visões de missão: “A evangelificação tem de calar fundo no coração do homem e dos povos. Por isso sua dinâmica procura a conversão pessoal e a transformação social. A evangelificação há de estender-se a todos os povos; por isso sua dinâmica procura a universalidade do gênero humano” (DP 362).

---

<sup>2</sup> Cf. BARBADOS I. Declaração de Pela libertação do indígenas, 1971. In: PREZIA, Benedito. *Caminhando na luta e na esperança*. Retrospectiva dos últimos 60 anos da Pastoral Indigenista e dos 30 anos do CIMI. São Paulo: Loyola, 2003, p. 326.

<sup>3</sup> CONSULTA MISSIONÁRIA DE ASSUNÇÃO. In: PREZIA, Benedito. *Caminhando na luta e na esperança*. Retrospectiva dos últimos 60 anos da Pastoral Indigenista e dos 30 anos do CIMI. São Paulo: Loyola, 2003, p. 117.

<sup>4</sup> Cf. GORSKI, Juan F. *El desarrollo histórico de la misionología en América Latina*. Orientaciones teológicas del Departamento de Misiones del Celam 1966-1979. La Paz: Talleres Esc. de Artes Gráficas del Colegio Don Bosco, 1985.

Consequentemente, o serviço missionário da Igreja se articulava a partir da formação da comunidade eclesial (DP 363), para que os cristãos pudessem sair em missão para atender: (1) “situações permanentes”, indígenas e afro-americanos (DP 365); (2) “situações novas”, que nascem das mudanças socioculturais, como migrantes, metrópoles, marginalizados etc. (DP 366); (3) “situações particularmente difíceis”, universitários, militares, operários, jovens, mundo da comunicação etc. (DP 367). “Finalmente”, como que um proceder por círculos concêntricos, “chegou para a América Latina a hora de intensificar os serviços recíprocos entre as Igrejas particulares e estas se projetarem para além de suas próprias fronteiras”, porque “devemos dar de nossa pobreza”, visto que “nossas Igrejas podem oferecer algo de original e importante” (DP 368).

Essa passagem de Puebla se tornou um marco para a caminhada da Igreja latino-americana, mesmo que muito pouco atendido até hoje pelas igrejas locais.

*d) Santo Domingo.* Puebla ainda contribuiu com importantes avanços para a questão missionária, reafirmando com decisão as opções de Medellín, particularmente a promoção da justiça como parte integrante de uma “evangelização libertadora” (DP 480-506), impulsionada por uma “comunhão e participação” que resgatava com o “potencial evangelizador” dos pobres (DP 1147), assumindo também suas culturas (DP 400).

A recepção de Puebla foi intensa e profunda. O Departamento de Missões do Celam, que passava a adotar a sigla “DEMIS”, ainda continuou a organizar encontros em nível regional e continental sobre os caminhos da pastoral indígenista na América Latina, que remetiam para uma reflexão mais profunda sobre a evangelização de primeiro anúncio dentro do continente, consequentemente, também fora dele, além-fronteiras, como participação das igrejas latino-americanas à missão universal da Igreja.

Sobre essa última perspectiva, os anos ‘80 viram um desenvolvimento bastante articulado, com iniciativas de estudo e aprofundamento juntamente a experiências de contatos com realidades eclesiais de outros continentes. Havia uma inquietação fundamental a ser investigada: por que a América Latina não conseguia se abrir com entusiasmo para a missão *ad gentes*? Foram dadas diversas explicações que convergiam na convicção de que a projeção além-fronteiras desejada por Puebla, não podia ser desvinculada de um paciente processo de interiorização da própria Igreja latino-americana: “enquanto uma Igreja não atinge esta experiência personalizante de seu

próprio ser e dos conteúdos que pode transmitir, delega seu compromisso *ad gentes* à esfera das coisas que se aceitam, mas não se vivem”.<sup>5</sup>

Contudo, o DEMIS junto à atuação decisiva de *Propaganda Fide*, tentou fomentar a animação missionária nas igrejas do continente apostando e articulando eventos de grande impacto com a realização dos Congressos Missionários Latino-Americanos (COMLAs), que surgiram à esteira dos Congressos Missionários Nacionais mexicanos.

Enquanto isso, João Paulo II em seu discurso de abertura da XIX Assembleia Ordinária do CELAM, em Port-au-Prince, Haiti (1983), lançava o programa da “nova evangelização” em vista da celebração da IV Conferência Geral, em comemoração dos 500 anos de evangelização. O apelo por uma ação missionária “nova no ardor, nos métodos e nas expressões”, enfatizava justamente as “expressões” para uma “evangelização das culturas” destemida e eficaz. Esse anseio abriu caminho para uma reflexão arrojada sobre o tema da inculturação, que fazia ingresso no debate teológico-pastoral latino-americano, praticamente, às vésperas de Santo Domingo (1992).

Apesar dos esforços, não houve avanços na reflexão e na tomada de compromisso em relação à missão *ad gentes*. Houve sim, durante a IV Conferência, uma mudança significativa entre a perspectiva de afirmar uma “cultura cristã” no continente, e o compromisso de se engajar numa “evangelização inculturada”, apontando para a proximidade, o diálogo e a reciprocidade (DSD 298), pois “a ação de Deus, através do seu Espírito, dá-se permanentemente no interior de todas as culturas” (DSD 243a).

*e) Aparecida.* O tema da nova evangelização abafou a reflexão e o engajamento com a missão *ad gentes*, assunto delegado sempre mais às Pontifícias Obras Missionárias continentais. As celebrações dos COMLAs a cada quatro ou cinco anos, não foram capazes de representar momentos altamente relevantes para as igrejas locais – a não ser, talvez, para as anfitriãs de cada edição – frustrando a expectativa da Congregação para a Evangelização dos Povos, que alimentava assim sua profunda desconfiança sobre a real capacidade da América Latina de expressar sua missionariedade *ad extra*.

Em 1995, em Belo Horizonte, Brasil, houve até um confronto mais ou menos aberto, entre os representantes de *Propaganda Fide* e os participantes ao COMLA 5, em

---

<sup>5</sup> PAPE, G. et al. *A missão a partir da América Latina*. Tradução Eugenia Flavian. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 22.

torno da exigência prioritária de uma evangelização inculturada antes de tudo na América Latina. Dom Roger Aubry percebeu muito claramente a advertência do Congresso: somente uma Igreja inculturada se torvaria capaz de dar resposta ao chamado *ad gentes*, com verdadeiro dinamismo missionário.<sup>6</sup>

Dai em diante o desempenho e o protagonismo crucial do DEMIS foi aos poucos se extinguindo. Em 1995, pela importância que assumia a missão inculturada junto aos povos indígenas, foi criado pelo Celam um departamento *ad hoc*, o Secretariado para a Pastoral Indígena (SEPAI), que começou articular com muita dedicação encontros e simpósios regionais e continentais. Em 2003, numa reestruturação do próprio Celam, esse organismo confluiu no Departamento de Cultura e Educação, que compreendia às seções de cultura, povos originários, pastoral afro-americana, educação. Por sua vez a missão *ad gentes* ficou a cargo do Departamento de Missão e Espiritualidade, encarregado também da catequese, da liturgia, da piedade popular e dos santuários.

A realização da V Conferência em 2007 foi articulada no embalo de uma hipotética “missão continental” que não vingou, e naufragou junto à nova evangelização: os tempos de repropor um regime de cristandade para América Latina tinham chegado ao fim. A retomada decidida de Medellín e Puebla veio a propor, ao contrário, uma Igreja em saída: “Nós somos agora, na América Latina e no Caribe, seus discípulos e discípulas, chamados a navegar mar adentro para uma pesca abundante. Trata-se de sair de nossa consciência isolada e de nos lançarmos, com ousadia e confiança (*parrésia*), à missão de toda a Igreja” (DAp 363).

Apesar dos caminhos tortuosos e descontínuos da Igreja latino-americana e caribenha no que diz respeito à animação, reflexão e organização missionária, há hoje surpreendente uma consciência mais consistente em relação à dimensão universal da missão e à necessidade de cooperação entre igrejas dos diversos continentes. Um papel crucial neste processo foi atuação de organismos específicos como o Departamento de Missões do Celam. As sementes lançadas há tempo, aos poucos começam a brotar: a publicação de um Manual de Missiologia para seminaristas (2019), é um dos sinais de uma sensibilidade mais esmerada em relação à missão *ad gentes* no próprio Celam.

---

<sup>6</sup> AUBRY, Roger. En la luz del COMLA 5. In: COMINA, Conselho Missionário Nacional. *O Evangelho nas culturas*. América Latina em missão – 5º Congresso Missionário Latino-americano (COMLA5). ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 182.

Contudo, a caminhada missionária da América Latina e do Caribe aponta também para uma nova maneira de entender a missão nesse mundo pós-moderno e globalizado que envolve a ação de toda Igreja, num exercício de escuta, de diálogo, de serviço, de gratuidade, de testemunho e de anúncio profético de um Reino da Vida para todos os povos (DAp 361): “um compromisso mais significativo com a missão universal em todos os Continentes, para não cairmos na armadilha de nos fechar em nós mesmos ...” (DAp 376).